

ADERÊNCIA E TENDÊNCIA DOS TRABALHADORES DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL

Patrícia Sorgatto Kuyven¹

1 INTRODUÇÃO

A população brasileira, em 2013, foi estimada em 200 milhões de pessoas. Para os 26 estados mais o Distrito Federal, em seus mais de 5.000 municípios, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2013, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O mapeamento de Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) no Brasil, realizado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes) e encerrado em 2013, indicou 1,4 milhão de pessoas sócias de empreendimentos dessa natureza; levando em conta que dos 200 milhões da população brasileira, 157 milhões estavam em idade ativa e, destes, 102,5 milhões estavam economicamente ativos. Deduz-se que, em 2013, 1,7% da população economicamente ativa do Brasil estava inserida na Economia Solidária (ES). Conforme descrito em Kuyven (2016), esse valor de 1,7% está possivelmente subestimado, pois o contexto de realização do mapeamento da Senaes indicou que os EES mapeados foram aqueles em que se conseguiu contato na época e, em alguns estados, não se alcançou a meta de visitar todos os EES que já existiam no Primeiro Mapeamento. Pode-se afirmar que a magnitude da Economia Solidária (ES) no Brasil é superior aos dados do mapeamento.

A literatura especializada em economia solidária, existente até o ano 2000, já apontava para um significativo surgimento de empreendimentos na EES; contudo, não era possível ter essa informação de forma precisa, dado que no período ainda não existiam dados disponíveis a respeito do número de empreendimentos econômicos solidários no país (a não ser dados de cooperativas formais, o que não abrangia toda a economia solidária). Por meio dos dois mapeamentos da Senaes, o primeiro realizado entre 2005 e 2007, o segundo, entre 2009 e 2013, foi possível identificar as reais dimensões dessa alternativa econômica no país.

Os dados da base do Segundo Mapeamento da Senaes referem-se às características dos EES, permitindo identificar a quantidade de sócios nestes. Já as características dos sócios, foram obtidas de acordo com a pesquisa por amostragem realizada entre junho

1. Professora da área de estatística e coordenadora do Núcleo de Empreendedorismo e Inovação Social na Unisinos. *E-mail*: <patriciakuyven@gmail.com>.

e setembro de 2013, para os quais se procedeu a uma entrevista em que as perguntas eram referentes as suas condições de vida ou do seu trabalho no EES. A pesquisa amostral de 2.895 sócios é a base de todo o presente texto, o qual compreende uma discussão sobre a aderência e as tendências dos trabalhadores ao movimento da ES no decorrer do tempo.

Frequentemente, os estudos sobre ES fazem referência ao fato de que a ela é uma oportunidade para quem está em situação de pobreza (Ceratti, 2013). Geralmente, o que está disposto na literatura são valiosos estudos de casos de EES que confirmam, para cada um deles, que a maioria das pessoas beneficiadas pelo desenvolvimento da economia solidária são agricultores familiares, assentados da reforma agrária, ribeirinhos, mulheres, negros ou outras minorias, quase sempre em condições de ocupação e renda menos favorecidas, dado seu quadro peculiar de subalternidade. Neste estudo, é observada a principal ocupação dos sócios de EES durante sua vida de trabalho. Ou seja, procurou-se conhecer como se procedeu a aderência de trabalhadores de diferentes ocupações nos EES. Além da análise da origem dos sócios na ES pelo ano de entrada nos EES, são observadas as tendências de entrada de novos trabalhadores da ES nos EES, a partir de 2010.²

2 OCUPAÇÃO DURANTE A VIDA DE TRABALHO ANTES DA ES

As análises iniciam pela tabulação por grupo de ocupação durante a vida de trabalho dos entrevistados. A tabela 1 mostra que 56% dos sócios da pesquisa tiveram, na maior parte da sua vida, ocupações rurais, sendo a maioria classificada como produtores agrícolas polivalentes ou trabalhadores volantes da agricultura. Pessoas que trabalharam durante a vida como empregados domésticos ou serviços gerais de limpeza aparecem como a segunda situação mais frequente na amostra. Esses trabalhadores ocupam postos comumente de baixa remuneração. O terceiro grupo surpreende por não aparecer na literatura como um caso frequente da ES: são professores. Esses profissionais correspondem a 4,5% da amostra de sócios entrevistados. A frequência dos professores na ES é praticamente a mesma que a de pescadores e artesãos, os quais são o quarto e quinto grupos mais frequentes na ES, porém já reconhecidos como trabalhadores típicos deste movimento social.

Depois dos cinco grupos já citados, todos os outros aparecem com menos de 3% de frequência, confirmando, mais uma vez, a extensão variada da abrangência da ES. Ainda se mantêm acima de 2%: comerciantes (geralmente vendedores sem um estabelecimento fixo), donas de casa e trabalhadores de funções administrativas e auxiliares dessas atividades.

Aqueles que se dizem catadores e recicladores como principal ocupação durante a vida de trabalho antes da ES compreendem 1,9% dos sócios (apesar de 5% dos sócios fazerem parte dessa categoria em 2013, período das entrevistas). Isso é coerente pelo fato de essa categoria de trabalho ser bem mais recente quando comparada com a maioria das

2. O Segundo Mapeamento Nacional da ES apresenta número reduzido de EES criados a partir de 2009. Esta redução não representa a real quantidade de EES que surgiram no período a cada ano, pois houve casos de unidades da federação em que o mapeamento encerrou-se em 2010, 2011, 2012 ou 2013. Aqueles que terminaram antes, deixaram de informar a existência de EES criados após o seu encerramento no mapeamento. Assim, a partir de 2010, há unidades da federação que contabilizam "zero" EES na soma de empreendimentos recentes. A pesquisa amostral com sócios realizada pela Senaes, em 2013, localizou os sócios em EES que fizeram parte do mapeamento, dessa forma, a quantidade de novos sócios deste estudo também ficou subestimada para o período de 2010.

outras respostas dadas para esta questão: entre os atuais trabalhadores dessa categoria, mais da metade teve outra ocupação principal durante a vida.

Ainda aparecem, em menores proporções, sócios que, durante a vida, estiveram trabalhando com confecção e costura ou que foram operadores ou técnicos de indústrias. A costura é uma ocupação típica das mulheres, enquanto a operação de máquinas na indústria, típica dos homens.

TABELA 1

Ocupação principal que os sócios exerceram durante a vida de trabalho

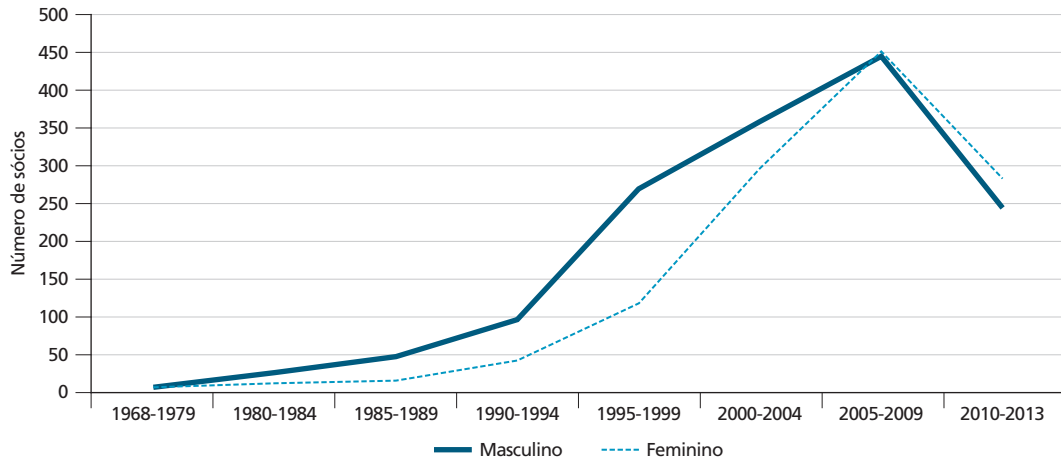
Principal ocupação que exerceu durante a sua vida de trabalho	Número de sócios	%
Trabalhador rural, agricultor, agropecuária, leite, apicultor	1.621	56,0
Empregado doméstico (diarista, faxina, serviços gerais, cuidadores)	153	5,3
Professor	130	4,5
Artesão	129	4,5
Pesca (peixes, marisco, camarão etc.)	122	4,2
Comerciantes e vendedores ambulantes	83	2,9
Dona de casa (do lar)	69	2,4
Funções administrativas e auxiliares (gerência, secretaria)	62	2,1
Catador/reciclador	56	1,9
Costura e confecções	51	1,8
Operador/técnico na indústria	41	1,4
Atendentes no comércio e serviços	39	1,3
Cozinheiro, padeiro, confeito	38	1,3
Funcionário público administrativo ou eletivo	35	1,2
Trabalhos na comunidade/assistência social e saúde comunitária	32	1,1
Construção civil, pedreiro, servente de obra etc.	32	1,1
Motoristas e mototaxistas	31	1,1
Outros (frentista, chaveiro, bicos etc.)	28	1,0
Artistas (pintores, atores, fotógrafos)	20	0,7
Agropecuária – serviços técnicos e administrativos	19	0,7
Enfermeiros e afins	15	0,5
Segurança pública ou privada	15	0,5
Marcenaria em geral e pequenas embarcações	14	0,5
Não declarou	11	0,4
Nunca trabalhou	10	0,3
Estudantes	9	0,3
Administração ou auxiliar de administração em educação	9	0,3
Serviços técnicos	8	0,3
Cabelereiro/manicure	8	0,3
Trabalhador em frigoríficos/açougues	5	0,2
Total	2.895	100,0

Fonte: Pesquisa Amostral de Sócios/Sies de 2013.
Elaboração da autora.

A entrada das mulheres na ES reflete a entrada deste segmento no mercado de trabalho em geral, talvez até de forma mais tardia do que no mercado mais amplo. O gráfico 1 mostra que, entre os sócios pesquisados (todos em 2013), os homens iniciaram em maior número até 2004, empataram com as mulheres entre 2005 e 2009 e entraram nos EES em menor número do que as mulheres, desde 2010. Tal resultado indica uma tendência de aumento da participação das mulheres frente aos homens na ES em anos mais recentes.

GRÁFICO 1

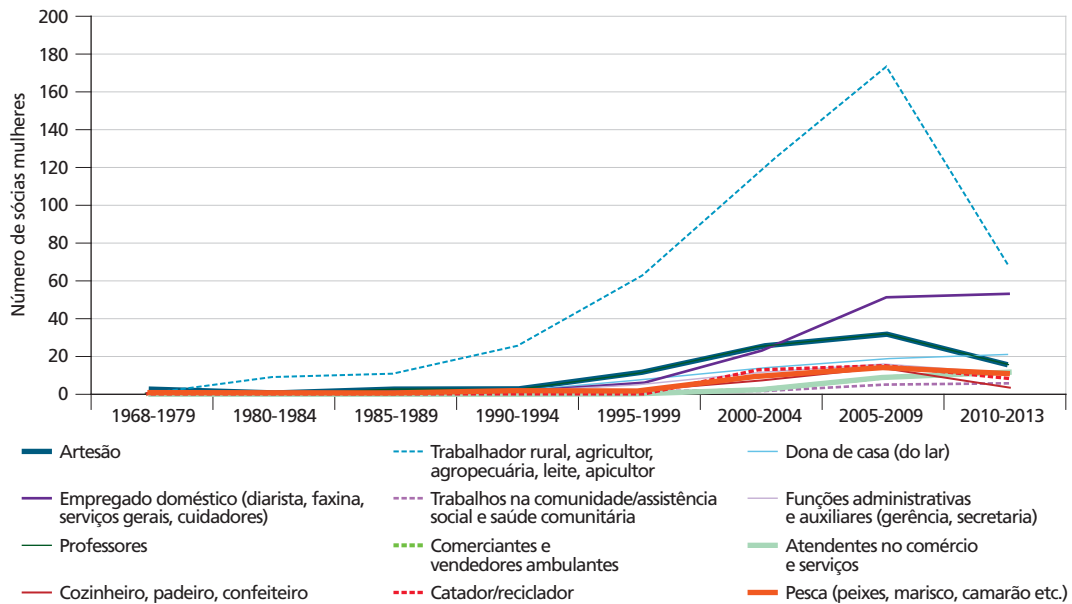
Ano de entrada dos sócios e sócias nos EES



Fonte: Pesquisa Amostral de Sócios/Sies de 2013.
Elaboração da autora.

GRÁFICO 2

Ano de entrada de sócias nos EES, por ocupação principal durante a vida de trabalho



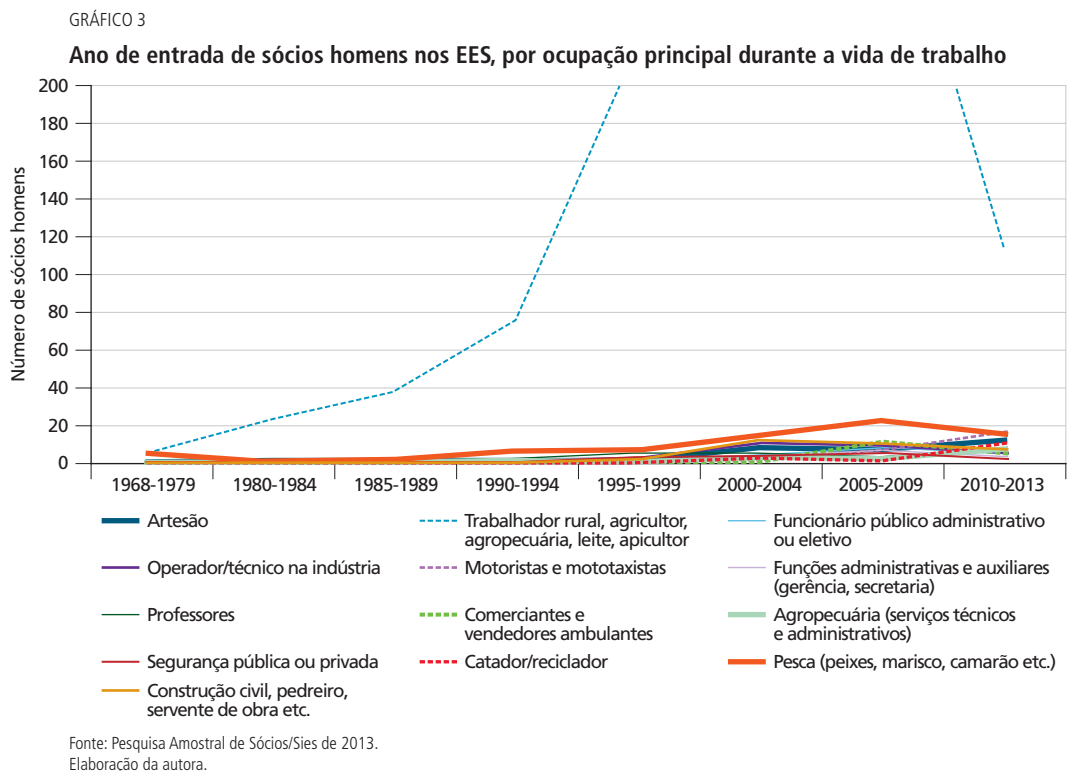
Fonte: Pesquisa Amostral de Sócios/Sies de 2013.
Elaboração da autora.

As sócias mulheres, quando observada a principal ocupação durante a vida, vêm de forma destacada frente aos homens em atividades como: ensino, confeitaria, costura, enfermagem, atendentes no comércio, catadoras de materiais recicláveis, vendedoras ambulantes, empregadas domésticas/diaristas, donas de casa, artesãs e prestadoras de assistência comunitária. Há muitas mulheres na agricultura familiar e na pesca (apoio), porém correspondem a 1/3 dos sócios desse grupo. Se for observada a entrada mais recente das mulheres na ES (gráfico 2), a partir de 2010, ainda é maior a entrada de mulheres trabalhadoras da agricultura, porém com forte declínio (explicado na nota 1 do gráfico 2)

em relação ao período de 2005 a 2009. As mulheres que se tornaram sócias mais recentemente na ES, de forma a aumentar sua participação em relação aos períodos anteriores, são aquelas que vêm de empregos domésticos, donas de casa, atendentes no comércio e serviços de assistência comunitária.

Os homens vêm de ocupações variadas, sobressaindo-se frente às mulheres em atividades como: agricultura familiar, serviços técnicos e administrativos na agropecuária, pesca, construção civil, marcenaria, segurança, artistas, motoristas e operadores e técnicos na indústria.

A partir de 2010, período de entrada mais recente dos homens na ES (gráfico 3), nota-se que, da mesma forma que as mulheres, ainda é maior a entrada de trabalhadores da agricultura, mas também com declínio bastante acentuado em relação ao período de 2005 a 2009. As ocupações que entre os homens aumentaram a participação em relação aos períodos anteriores, a partir de 2010, são motoristas (e mototaxistas), artesãos, catadores de materiais recicláveis e técnicos administrativos da agropecuária.



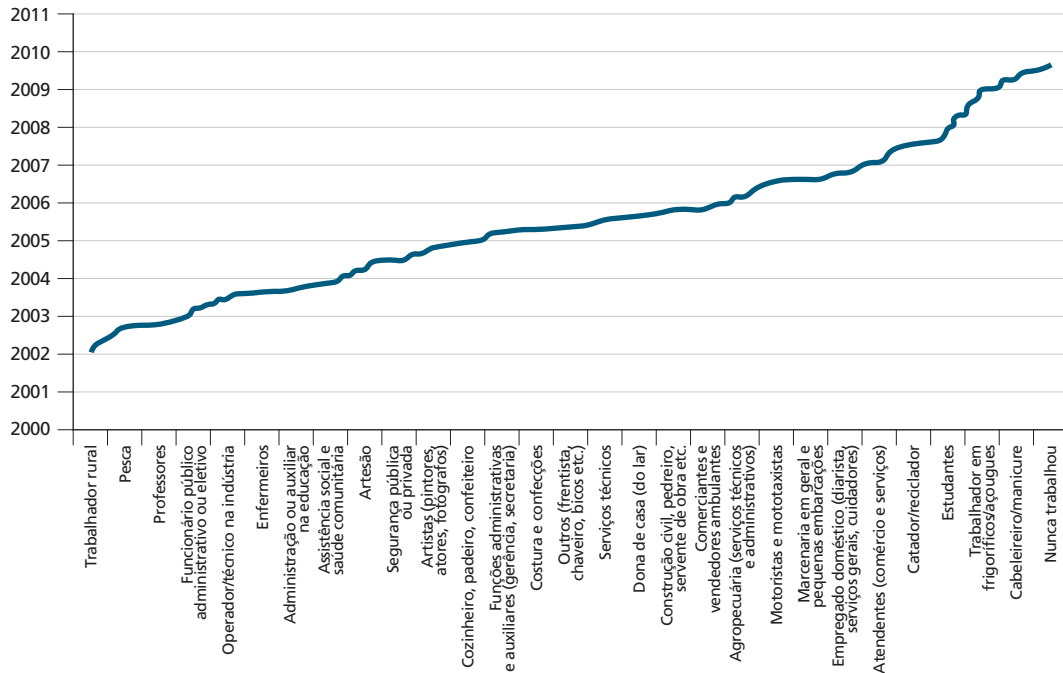
3 OCUPAÇÃO NA ES, DE ACORDO COM O PERÍODO DE ADERÊNCIA AO MOVIMENTO

Diante do conjunto de ocupações de trabalho verificadas entre os sócios entrevistados, ficou interessante investigar qual seria a ordem de incorporação de cada grupo que foi se unindo ao movimento da ES, no decorrer do tempo. O gráfico 4 apresenta a média de ano em que os sócios aderiram ao EES, para cada grupo de ocupação principal exercida durante sua vida de trabalho. O gráfico foi ordenado no eixo vertical de forma que

inicia pelo grupo de sócios que teve a média de ano de entrada no EES mais longínqua (sócios mais antigos) e finaliza com aquele grupo com média de ano mais recente. Essa ordenação proposital permite que se observe o histórico da ES no Brasil, de acordo com a adesão dos diferentes grupos de trabalhadores, mostrando como foi o engajamento ao movimento da ES no decorrer do tempo.

GRÁFICO 4

Ocupação principal durante a vida de trabalho, ordenada pela média de ano de entrada dos sócios nos EES



Fonte: Pesquisa Amostral de Sócios/SIES de 2013.
Elaboração da autora.

Se verificarmos qual o ano médio de entrada em EES somente daqueles 56% participantes da pesquisa com sócios que são trabalhadores rurais, observamos que eles são, em média, os que estão há mais tempo nos EES, aparecendo em primeiro lugar em termos de aderência à ES no Brasil, situando-se no ano 2002, como ano médio de entrada dos sócios atuais da ES. Logo em seguida, aparecem os trabalhadores da pesca (a média de ano de entrada dos sócios no EES aproxima-se de 2003). Esses são grupos tradicionalmente apontados na literatura sobre a ES no Brasil. São trabalhadores os quais podemos chamar de precursores da ES. Foi para eles que a associação coletiva apareceu há mais tempo como uma alternativa de melhoria das condições de vida e trabalho. Novamente chamam atenção os professores, pouco citados nos estudos sobre ES, além de estarem presentes em termos de quantidade de sócios, o fizeram no mesmo período que os pescadores, em média.

O contexto rural fez parte de toda a história do Brasil, uma situação em que a agricultura tem importante peso econômico até os dias atuais. Porém, períodos de crise obrigaram os pequenos produtores do campo a optar entre se retirar daquele espaço

e seguir para áreas urbanas, na qual aparentemente havia oportunidades de trabalho; ou permanecer na zona rural, buscando algum modo de enfrentar as dificuldades impostas. Singer (2002b) expõe que a história da economia solidária no Brasil “ressurge” a partir da década de 1980, período em que são propostas práticas associativas por diferentes tipos de instituições. Por parte do governo, foram canalizados recursos a agricultores e produtores com o objetivo de multiplicar associações, as quais, na área agrícola, apresentam uma série de vantagens, como aumento de produtividade, redução de custos, obtenção de descontos na compra conjunta, produção em escala, comercialização facilitada, troca de informações e técnicas entre associados e eliminação de intermediários.

Os dados do Segundo Mapeamento já chamaram a atenção de Gaiger e Grupo Ecosol (2014) sobre a origem da progressiva multiplicação dos EES. Os autores destacam a predominância de associações e de atuação no espaço rural entre os EES que surgiram antes de 1990. Um elemento explicativo para este pioneirismo apontado como vantagem para os agricultores familiares foi o modo de produção familiar, dada a sua natureza coletiva, tanto no âmbito do núcleo familiar como no da comunidade circundante. Neste modo de produção familiar, as práticas de ajuda mútua são recorrentes, alimentando a noção de um projeto coletivo comum. Os dados dos empreendimentos do Segundo Mapeamento Nacional da ES revelam que 41% dos EES do estudo surgiram no mais tardar no ano 2000. Destes, 67% são EES formados por agricultores familiares e 76% são associações.

Após os trabalhadores rurais e os pescadores, foram inserindo-se na ES funcionários públicos, técnicos ou operadores industriais, enfermeiros, auxiliares da área da educação, assistentes sociais e de saúde comunitária, além dos artesãos. Esse grupo tem ano médio de adesão aos EES durante 2003 até meados de 2004.

A partir de 2005, muitas atividades profissionais passaram a se fazer presentes na ES. O gráfico 4 aponta para atividades como segurança, artistas, cozinheiros, confeitadores, auxiliares administrativos, costureiros, serviços técnicos – todos esses profissionais com ano de aderência aos EES em 2005, em média. O ano 2006 aparece como período de aderência das donas de casa, pedreiros e trabalhadores da construção civil, comerciantes ambulantes e técnicos da agropecuária. Em seguida, com ano médio de entrada em 2007, chegam os motoristas, marceneiros, empregados domésticos e atendentes do comércio.

Aqueles que descrevem como principal ocupação, durante a vida, a reciclagem de resíduos sólidos, têm, como ano médio de entrada na ES, 2008. Entre os sócios desse grupo, 50% entraram nos EES a partir de 2009. Trata-se de um grupo de pessoas que encontra na economia solidária mais recente um espaço de atuação emancipatório. Aderem às cooperativas fundadas e administradas por sua própria categoria. Segundo Silva e Schiochet (2013), surgem no Brasil não como uma opção, mas como única estratégia de sobrevivência de seus integrantes. São pessoas que não conseguiram inserir-se no mercado de trabalho tradicional, geralmente por falta de instrução e preparação técnica.

4 PERFIL DOS TRABALHADORES DA ES EM 2013, CONFORME A OCUPAÇÃO DURANTE A VIDA DE TRABALHO

O quadro 1 destaca as atividades exercidas durante a vida de trabalho que foram mais citadas pelos sócios de EES. Olhando para os trabalhadores da agricultura que hoje são sócios dos EES, observa-se que a escolaridade da maioria é precária, pois 43,5% declaram que ou não sabem ler ou leem com dificuldade. Um quinto desse grupo é assentado da reforma agrária.

Os empregados domésticos atuam em diversas atividades na ES, sendo que 28% dos que tinham essa atividade durante a vida de trabalho, são acatadores de matérias recicláveis na ES. Os professores são o terceiro grupo mais volumoso na ES e estão entre os mais antigos na ES. Observando o quadro 1, nesse grupo é menor a proporção que entrou na economia solidária motivada pelo desemprego (30,8% contra 41,9%, entre o total de entrevistados), como também é menor a proporção dos que entraram por causa do apoio de entidades ou do governo (40,8% contra 48,6% do total de entrevistados). Como seria de esperar, há bem mais mulheres do que homens nesse grupo (81,5%). A idade média é de 46 anos, sendo que a renda total mensal é 40% superior à média geral dos entrevistados. Mais da metade afirma que sua renda não depende do EES (57,7% contra 35%, entre o total de entrevistados). Atuam mais em EES urbanos (41,5% contra 27,3%, entre o total de entrevistados). São mais predominantes em associações do que em cooperativas, quando comparados com o total de entrevistados. Esses profissionais, entre os 130 professores entrevistados, 11 (8,5%) são sócios de EES com atividades relacionadas à educação e exercem trabalho remunerado no empreendimento; outros 32 (24,6%) são sócios de EES com atividades relacionadas ao artesanato, caso em que pouco mais da metade comercializa por meio do empreendimento, enquanto os outros exercem trabalho remunerado; há 53 professores (40,7%) sócios ou de EES de produção rural ou de uso e consumo coletivo de infraestrutura voltados à produção rural. Enfim, o que pouco se observa entre os 130 sócios que têm como ocupação principal na sua vida a atividade de professor é a atuação em empreendimentos da ES voltados para o ensino. No entanto, fora da ES, 67,7% atuaram ou ainda atuam em atividades econômicas. Entre os 130 trabalhadores, 47,7% têm emprego pública, sendo a maioria na área de ensino.

Em seguida estão os artesãos, grupo de profissionais frequentemente citado na ES e que corresponde a 4,5% dos sócios de EES. A metade deles associou-se em EES a partir de 2005. São, em média, mais jovens: 35 anos, frente aos 46 que é a média geral de idade de sócios de EES. São profissionais que se sobressaem na pesquisa com sócios de EES por afirmarem ter ficado muito tempo sem trabalho: 30% se declaram nesta condição (quadro 1). Comparado aos pescadores e agricultores, têm maior escolaridade, pois 78% sabem ler sem dificuldade.

A pesca artesanal apresenta uma história de associativismo de longa data, porém, de modo mais informal, passando a ter apoio governamental em períodos mais recentes. A associação entre pescadores artesanais decorre naturalmente do tipo de atividade que exercem, a qual geralmente os obriga a trabalharem entre companheiros na etapa principal, que consiste em adentrar ao mar em suas embarcações. De acordo com o apoio externo, passaram a se organizar coletivamente também na comercialização de seus produtos,

atividade que atualmente é a mais citada por eles como atividade coletiva (66% afirmam ser esta sua principal atividade econômica nos EES).

QUADRO 1

Caracterização dos sócios dos EES, de acordo com a ocupação durante a vida de trabalho (somente grupos com n > 50 sócios)

Principal ocupação que exerceu durante a sua vida de trabalho
<p>Trabalhador rural (agricultura, agropecuária, leite, apicultura) A maioria é sócio de EES de produção (44%) ou de consumo e uso coletivo de bens e serviços (32%). Muitos (53%) têm como principal atividade econômica no EES a comercialização de sua produção. Cerca de 20% deles são assentados da reforma agrária. Quase a metade (43,5%) ou não sabe ler ou lê com dificuldade. São os mais antigos na ES, em média, iniciaram suas atividades em 2002. 11% iniciou as atividades antes de 1994.</p>
<p>Empregado doméstico (faxina, serviços gerais, cuidadores) Este é um grupo que se caracteriza por pertencer a diversas categorias sociais: 28% atualmente é de catador de matérias recicláveis, 17% é de artesão, 15%, de agricultor, 11%, de assentado da reforma agrária. 36% ou não sabem ler ou lê com dificuldade; 31% é beneficiário do bolsa família. A principal atividade econômica realizada no EES é trabalho remunerado (40%) ou comercialização da produção (31%).</p>
<p>Professor Esses profissionais atualmente se declaram em algumas condições sociais específicas: 22% agricultores, 24% artesãos, e 27% técnicos de nível superior. São poucos que ficaram sem trabalho por muito tempo na vida, pois 58% dizem que nunca ficaram sem trabalho e 30% dizem que ficaram, mas por pouco tempo. É um dos grupos que mais aparecem indicando que não exercem nenhuma atividade econômica no EES (25%). Parte significativa (56,6%) exerce atividade remunerada fora da economia solidária, geralmente na área de educação. Apenas 23% são sócios em EES da área de educação.</p>
<p>Artesão 78% sabe ler sem dificuldade; 9% pertence a grupos indígenas. 12% iniciou nos EES antes de 2000, e 50% entrou a partir de 2005. A idade média dos sócios ao início das atividades no EES era de 35 anos. 30% já ficou muito tempo sem trabalho. 71% tem a comercialização como principal atividade econômica no EES.</p>
<p>Pesca (peixes, marisco, camarão etc.) Destes, 62% se declaram pescadores artesanais e 20% são ribeirinhos. Mais da metade (61,5%) ou não sabem ler ou lê com dificuldade. 41% são beneficiários do bolsa família. 15% iniciaram as atividades antes de 1993. A principal atividade econômica que realizam no EES é a comercialização da produção (66%).</p>
<p>Comerciantes e vendedores ambulantes 26% deles se declaram pertencentes à categoria de artesãos. A principal atividade econômica que realizam no EES é trabalho remunerado (31%) ou comercialização da produção (35%).</p>
<p>Dona de casa (do lar) Essas pessoas atualmente se declaram em algumas condições sociais específicas: 24% assentados da reforma agrária, 22% agricultores e 33% artesãos. 36% ou não sabem ler ou leem com dificuldade. 68% dizem ter ficado muito tempo sem trabalho; 41% são beneficiários do bolsa família. Para 49%, a principal atividade econômica que realizam no EES é a comercialização da produção. Em média, iniciaram suas atividades nos EES com 36 anos. 54% iniciaram atividade no EES após 2005.</p>
<p>Funções administrativas e auxiliares (gerência, secretaria) É reduzido o percentual que afirma ter ficado muito tempo sem trabalho: 11% (no geral 21% dos sócios apontam esta situação). 38% têm atividade de comercialização da produção e 32% (acima do padrão) exercem trabalho remunerado nos EES.</p>
<p>Catador/reciclador 52% não sabe ler ou lê com dificuldade; 88% exerce trabalho remunerado nos EES. 30% já ficou muito tempo sem trabalho e 38% ficou sem trabalho por períodos mais curtos. 50% desta ocupação iniciou as atividades a partir de 2009.</p>
<p>Costura e confecções Em média, são as sócias que iniciam as atividades no EES, com 43 anos.</p>

Fonte: Pesquisa Amostral de Sócios/Sies de 2013.
 Elaboração da autora.

Considerada uma das atividades econômicas mais tradicionais do Brasil, a pesca artesanal é exercida por produtores autônomos, em regime de economia familiar, ou seja, contempla a obtenção de alimento para as famílias dos pescadores ou para fins

exclusivamente comerciais (Búrigo; Cazella; Capellesso, 2011). É uma atividade baseada em saberes práticos de domínio pessoal, na qual os próprios trabalhadores desenvolvem suas artes e instrumentos de pesca, auxiliados ou não por pequenas embarcações. Esses pescadores em geral atuam na proximidade da costa, dos lagos e dos rios.

De acordo com a pesquisa de sócios dos EES (quadro 1), os pescadores artesanais são uma categoria de baixíssimo índice de escolaridade: mais da metade ou não sabe ler ou lê com dificuldade. Nesse grupo, há uma proporção expressiva de beneficiários do programa Bolsa Família, dado que 41% usufrui deste complemento.

Quanto ao grupo que já atuava como catador de material reciclável antes de aderir ao EES, a pesquisa revela que 52% não sabe ler ou lê com dificuldade. Durante a vida, 30% já ficou muito tempo sem trabalho e 38% ficou sem trabalho por períodos mais curtos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos apresentados apoiam-se em análises descritivas de variáveis (questões) resultantes das 2.985 entrevistas realizadas em 2013 com amostra de sócios de EES registrados no Segundo Mapeamento Nacional da ES no Brasil. Essas descrições são relevantes para a compreensão das condições dos sócios de EES, o que até então estava limitado aos dados do Segundo Mapeamento da ES, cujo objetivo principal foi descrever as características dos empreendimentos, e não dos sócios.

A percepção das atividades exercidas pelos sócios antes da atuação nos EES auxilia na concepção de políticas de desenvolvimento e apoio à ES. São capacidades e habilidades que já estão intrínsecas aos trabalhadores e que poderiam ser melhor aproveitadas nos empreendimentos e na ES de um modo geral. Vale lembrar que para o período de análise mais recente – 2010 a 2013 – há um aumento na adesão à ES por parte das mulheres que estão em empregos domésticos, donas de casa, atendentes no comércio e serviços de assistência comunitária, e por parte dos homens que são motoristas (e mototaxistas), artesãos, catadores de materiais recicláveis e técnicos administrativos da agropecuária.

REFERÊNCIAS

- BÚRIGO, F. L.; CAZELLA, A. A.; CAPELLESSO, A. J. Redes de cooperação e inovações financeiras em territórios de pesca. ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 35., 2011, Caxambú, Minas Gerais. **Anais...** Caxambú: Anpocs, 2011.
- CERATTI, M. (2013). Economia Solidária dá emprego e renda a 2 milhões de brasileiros. Banco Mundial, jul. 2013. Disponível em: <goo.gl/CAip0B>. Acesso em: 22 fev. 2016.
- GAIGER, L.I.; Grupo Ecosol. **Economia solidária: uma análise de dados nacionais**. São Leopoldo: Oikos, 2014.
- KUYVEN, P.S. (2016). **Efeitos da economia solidária sobre a geração de renda e a redução da pobreza: um estudo de dados nacionais**. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Leopoldo, 2016.
- SILVA, R.M.; SCHIOCHET, V. (2013). Economia solidária no Plano Brasil Sem Miséria: a construção de estratégias emancipatórias para a superação da pobreza extrema. **Mercado de Trabalho: acompanhamento e análise**, n. 54, Brasília: Ipea, 2013.
- SINGER, P.A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. *In*: SANTOS, B. D. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.